



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

CLÁUDIA TAVARES RIBEIRO DE ANGELIS

**A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA E A
PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DE ALUNOS**

Goiânia - GO

Fevereiro/2013

CLÁUDIA TAVARES RIBEIRO DE ANGELIS

**A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA E A
PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DE ALUNOS**

Monografia apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciado
em Pedagogia pela Faculdade de Educação
– FE da Universidade de Brasília – UnB.

Goiânia, fevereiro de 2013

DE ANGELIS, Cláudia Tavares Ribeiro. *A gestão democrática na escola pública e a participação dos pais de alunos*. Goiânia-GO, Fevereiro de 2013. 55 páginas.
Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DE ALUNOS

CLÁUDIA TAVARES RIBEIRO DE ANGELIS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB.

Professora Orientadora: Dr^a Raquel de Almeida Moraes

Membros da Banca Examinadora

a) Professora Dr^a Nara Maria Pimentel

b) Tutora: MS. Andréia Mello Lacé

Dedico este trabalho a Deus, em primeiro lugar, pela dádiva e renovação da vida; aos meus pais, Jairo e Emília, pelo apoio de sempre; aos meus filhos Eridani, Órion e Carina, pelo incentivo e por sempre acreditarem nas possibilidades de sua mãe; e ao meu esposo, Álvaro, pelo companheirismo, carinho e ajuda.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Professora Orientadora Doutora Raquel de Almeida Moraes, pela oportunidade de ser orientada por uma educadora de reconhecida competência e compromisso com a Educação.

Agradeço especialmente à Professora Mestre Andréa de Mello Lacé, pelo apoio, compreensão e carinho sempre presentes durante a realização dessa monografia, valorizando e estimulando nossas possibilidades de êxito.

Agradeço também à Professora Tutora Edma de Souza Carvalho, em nome de todas as professoras e professores que conosco compartilharam a esperança de que este curso de Pedagogia cumpra seu destino: de contribuir com a Educação e o desenvolvimento sociocultural da região compreendida pelo Pólo UAB/UnB de Alto Paraíso de Goiás.

“No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura”.

“Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles”.

Paulo Freire

Resumo

A pesquisa teve como objeto de estudo a gestão democrática e participação dos pais na vida escolar dos filhos. A investigação justificou-se pela necessidade de se analisar a questão, de forma a verificar o estágio atual de democratização na gestão escolar e contribuir com o aprofundamento dos conhecimentos disponíveis sobre o tema. Investigou-se, assim, de que forma esses conceitos são vivenciados na gestão da escola pública. Foi verificado que a escola pública ainda é carente de um espírito democrático e participativo em todos os seus níveis. Evidenciou-se que ela, na atualidade, tem uma gestão fundamentada em modelos tradicionais de coordenação do processo educativo, historicamente autoritário, onde as práticas democráticas não são privilegiadas. Contudo, a pesquisa deparou-se com pressupostos teóricos que apontam para a possibilidade de superação desse quadro, pelo envolvimento de toda a comunidade escolar em um processo de democratização da gestão. Ressaltou-se, ainda, a constatação de que as famílias não são omissas e indiferentes em sua relação com a escola. Os estudos analisados negam uma renúncia *a priori* dessas famílias com relação à vida escolar dos filhos, um desinteresse pela escola como atitude típica. Porém, os resultados apontam para a realidade de que há um longo caminho a ser percorrido para que haja na escola uma gestão que seja efetivamente participativa. Assim, defende-se que é de suma importância, além dos condicionantes administrativos e estruturais incidentes, o cultivo de uma cultura de participação, que envolva em seu processo não somente os pais, mas, todos os sujeitos-atores da comunidade escolar.

Palavras-chaves: escola pública; gestão democrática; participação dos pais.

Sumário

PARTE I – MEMORIAL	P.11
INTRODUÇÃO	P.18
CAPÍTULO 1	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	P.21
1.1. A participação na gestão democrática	P.21
1.2. Formas de participação em processos de gestão	P.26
CAPÍTULO 2	
METODOLOGIA	P.29
2.1. Contexto da pesquisa	P.31
2.2. Procedimentos da pesquisa de campo	P.32
2.2.1. Observação de reunião com pais de alunos	P.32
2.2.2. Entrevista com pais de alunos	P.32
CAPÍTULO 3	
ANÁLISE DOS RESULTADOS	P.33
3.1. Participação e ausência de lógica democrática na gestão da escola	P.33
3.2. Reunião como estratégia participativa da escola	P.36
3.3. Considerações sobre a pesquisa de campo	P.41
CAPÍTULO 4	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	P.42
4.1. Estrutura da Monografia	P. 42

4.2. Fundamentação, Pressupostos e Resultados	P. 42
4.3. Participação dos Pais	P. 43
4.4. Sugestões para a Melhoria da Educação: Rumo a uma Gestão Humana, Democrática e Participativa	P. 44
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	P. 46
Plano de Atuação Profissional	P.46
1. Perspectivas	P.46
2. Conclusão	P.48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	P.49
APÊNDICE A	P. 51

PARTE I – MEMORIAL

I - Quem sou:

Meu nome é Cláudia, nasci em Goiânia, no dia 13 de junho de 1966, à 01 hora da manhã, no dia de Santo Antônio de Pádua. Refletir sobre si mesmo requer mexer no passado, buscar velhas lembranças, reviver alegrias, sofrimentos e conquistas. É bom exercício para ampliarmos nosso quadro de autoconhecimento, fazer um balanço da vida até o momento presente. É o que vou tentar neste texto.

Sou uma pessoa simples que adora estar com a família, no contato com a natureza e com as crianças. Sou cristã de fé, gosto de livros, de assistir filmes interessantes que elevem o espírito e enriqueçam a mente. Também gosto da leitura da bíblia, sou curiosa para aprender. Acredito no ser humano e de enfrentar desafios. Gosto de incentivar as pessoas a estudarem, a conquistarem seus espaços, acredito no amor, nos valores da solidariedade, na compaixão e na esperança de um mundo mais justo e humano.

II – Os Estudos

Iniciei os meus estudos aos 6 anos de idade, na Escola Chapeuzinho Vermelho. No primeiro dia de aula fiquei assustada com tanta novidade e tive medo, comecei a chorar. Mas com o tempo, fui me adaptando com o ambiente escolar, as cantigas de roda, o castelo de areia, os coleguinhas, a primeira professora. Ah, a infância! Uma fase maravilhosa na vida da gente, época de sonhos, fantasias e imaginações.

Nessa fase, o mais marcante foi o fato de aprender a ler. Minha professora se chamava Santília, era muito simpática e carinhosa. Só que meu processo de alfabetização não ocorreu de modo tranquilo, tive que pegar aula particular, com essa mesma professora, mas no final correu tudo bem e fiquei super feliz.

Comecei a ler tudo que estava na minha frente. Imagino como deve ser para quem se alfabetiza na fase adulta, o quanto não deve ser emocionante também. No

entanto, penso hoje nas palavras de Paulo Freire: "Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho". Entretanto, não é o assunto deste texto no momento.

No ensino fundamental (antigo ginásio na época) estudei na Escola Estadual José de Alencar. Como ensino público, na época os professores fizeram muitas greves, o que não deixou de prejudicar nosso aprendizado, na perspectiva de um estudante. Principalmente na disciplina de matemática, até hoje tenho uma certa dificuldade.

O ensino médio (antigo 2º grau na época) cursei no Colégio Carlos Chagas, uma escola grande, particular, onde o sistema de ensino se pretendia "integrado", três anos em dois (depois me arrependi de ter feito, pois o ensino era muito corrido, sem aprofundar as disciplinas. Até que chegou o momento do temido vestibular. O que fazer? Que profissão optar? Não tinha a menor ideia do que fazer.

Resolvi fazer o cursinho preparatório, no Colégio Delta, onde só fiquei um mês, peguei o material das disciplinas e resolvi estudar em casa. Não gostei da experiência, pois o ambiente era pequeno, a sala lotada, e a pressão dos professores, os comentários dos alunos concorrentes, tudo isso me levou a abandonar o cursinho e seguir os estudos sozinha. Foi um desafio para mim, mas, contudo, meu aprendizado foi mais significativo.

Em 1985, prestei vestibular para pedagogia na Universidade Federal de Goiás, em duas fases, a primeira era objetiva e a segunda específica, chamado na época de "canetão", porque para ser aprovada nesta etapa era necessário responder as questões de história, literatura, português, geografia e redação. Saiu o resultado e fui aprovada, e a primeira coisa que fiz foi pegar a bíblia e agradecer a Deus!

A Faculdade de Educação era ampla e arejada, um ambiente novo, colegas e professores, tudo novidade. No entanto, fiz apenas dois semestres. Hoje, vejo que foi por imaturidade não prosseguir com o curso. Isso aconteceu pela descoberta da minha gravidez, como iria dizer aos meus pais, um turbilhão de nevoeiros passou na minha cabeça. Meu noivo, atual marido, encontrava-se distante de mim naquele momento, no Caribe, no lançamento e na divulgação de um livro seu publicado na época. Nesta ocasião, cheguei a conversar com minha professora de psicologia, que me orientou a conciliar os estudos com a gravidez. Mas, não consegui, abandonei o

curso e acabei não fazendo o trancamento da matrícula, por inexperiência acadêmica.

Depois de muitos anos, em 1997, mudei para Rio Verde (GO) com minha família, e foi uma época próspera da minha vida, mas me faltava algo para completar tamanha felicidade. Resolvi cursar a faculdade local, na Faculdade de Ensino Superior de Rio Verde - FESURV. Prestei novamente o vestibular, dessa vez para Biologia, um curso interessante, pois sempre gostei dessa disciplina (adorava as aulas de laboratório). Contudo, só fiz dois semestres, pois tive que me mudar novamente, de volta para Goiânia.

Em 2006 eu e minha família nos mudamos para Alto Paraíso de Goiás, quando surgiu a oportunidade de fazer um novo vestibular, e novamente para o curso de Pedagogia, desta vez na Universidade de Brasília, pelo Projeto Universidade Aberta do Brasil - UAB. Foi emocionante ser aprovada nesse vestibular.

Hoje, mesmo enfrentando as dificuldades de estar longe do Pólo UnB/UAB, por nova mudança de cidade; trancamento de disciplinas devido a problemas pessoais e de saúde; impedimentos financeiros para participar de todos os encontros presenciais; enfim, estou chegando na reta final. Graças a Deus!

No início do curso me indagava "por que" o curso de Pedagogia. Lembro-me que quando criança admirava a figura importante da professora. Ainda hoje vejo o educador como um ser extremamente importante na vida de qualquer pessoa e na sociedade, como mediador do conhecimento, no apoio a construção do diálogo, na relação entre professor - aluno e na contribuição para a transformação social. Acredito que a educação é um dos instrumentos para as pessoas e as sociedades evoluírem.

Meu autor preferido é Paulo Freire. Já fiz a leitura de diversos dos seus livros: Pedagogia da Autonomia; Educação e Mudança; O Ato de Ler; Professora Sim, Tia Não; entre outros de sua vasta produção. Outros autores que admiro: Lev Vygotsky, Demerval Saviani, Henri Wallon, Rubem Alves, Edgar Morin, entre muitos.

III - O estágio

Acredito que o estágio é um caminho importante para testar a teoria que aprendemos no curso, onde podemos vivenciar a validade das concepções pedagógicas na própria escola, na sala de aula, na gestão educacional executada, junto aos professores, alunos e funcionários.

Ano passado fui aprovada no processo seletivo do Tribunal de Justiça de Goiás, para minha felicidade, em 2º lugar na classificação geral, para atuar como professora vigente da educação infantil da creche desta instituição. Porém, infelizmente, não pude realizar o estágio devido a necessidade de submeter-me a uma cirurgia para a retirada do útero.

No momento, realizo o estágio supervisionado, dentro do Projeto 4 fase 1, na Gestão Educacional, onde estou tendo a oportunidade e o desafio de vivenciar importantes experiências para a área pedagógica, observando e fazendo parte de acontecimentos cotidianos que ocorrem no ambiente escolar.

Como estagiária na área de educação infantil, estou trabalhando com crianças do Jardim II, com idade entre 4 a 5 anos. Desenvolvo um projeto de leitura no qual são desenvolvidas dinâmicas de leituras e interpretação das mesmas através de desenhos.

A contação de histórias é extremamente benéfica para as crianças desde a mais tenra idade. A criança é marcada pelo meio social que está inserida, e a escola, como agente socializador, deve promover a literatura como meio de construção da sua autonomia, imaginação e criatividade.

Entendo que a criança tem o direito de interpretar a realidade através da vivência da leitura, que, além de enriquecer seu vocabulário, possibilita a ela viajar por mundos desconhecidos, utilizando recursos que nunca findam na infância, como o sonho, a imaginação e a criatividade.

IV – Família

Minha mãe: Emília Tavares Ribeiro, natural de Pedro Afonso - Tocantins, filha de Pedro Tavares dos Reis e Maria Altair Moura Tavares. Meu pai: Jairo Passos Ribeiro, natural de Jataí - Goiás, filho de José Ribeiro Carneiro e Ana Passos

Ribeiro. Sou a segunda filha de uma prole de cinco irmãos: Valéria, eu, Fátima, Mylena e Jairo Júnior.

Em 1986, meu casamento com Álvaro Fernando De Angelis, escritor, consultor ambiental independente e hoje graduando de Filosofia na UnB. Temos três filhos: Eridani, Órion e Carina. Eridani acabou de se graduar em Direito; Órion é graduando de Educação Física; e Carina cursa o 9º ano do Ensino Fundamental. Sou muito feliz com minha família, onde encontro força e ânimo para continuar o caminho que devo seguir.

V - Deus forte

Em fevereiro deste ano fiz uma cirurgia para retirada do útero, de porte delicado devido aos vários miomas que me causavam ciclos de longos dias de hemorragia, me levando a um quadro de anemia profunda. Na cirurgia, a taxa de hemoglobina ultrapassou o nível crítico, e tive problemas. Recebi transfusão de sangue, e por negligência médica acabei também tendo um edema pulmonar (entrada de água nos pulmões). Acabei parando numa UTI, onde passei três dias em estado grave.

Depois deste episódio, passei a refletir mais na minha vida. Reflito sobre meus medos, minhas vontades e a coragem de lutar mais que nunca pelos meus objetivos, valorizar muito mais minha família e os estudos. O amor da minha família foi essencial para o meu restabelecimento, principalmente os cuidados da minha querida filha Eridani, que passava o tempo todo comigo, sem contar a presença do meu marido, dos filhos, meus pais e minhas irmãs. Não tive o medo da morte, pois senti a presença de Deus em todos os momentos da cirurgia, na UTI e no meu restabelecimento.

VI - Esperança e futuro

Acredito na missão que ainda tenho que cumprir aqui na terra, e nela, o conhecimento que estou adquirindo é de suma importância neste desiderato. Acredito que posso fazer minha parte diante da coletividade, atuando em prol de

uma educação que faça o mundo mais humano, colaborando pelo ensino para que todos possam viver com dignidade.

VII – Outras considerações

O curso de Pedagogia representa mais uma luz no meu caminho. Todas as disciplinas cursadas até o momento foram todas importantes, sem exceção. Entretanto, em especial destaque a disciplina Educação e Trabalho, que desenvolveu em mim uma visão crítica dos processos do sistema capitalista, além de descortinar um mundo desafiador e de extrema beleza presente na aprendizagem dos portadores de necessidades especiais, bem como a admiração pelos conhecimentos trazidos à luz pelo autor Lev Vygotsky.

Um dos temas que mais me despertam a atenção é o da inclusão - que está fundamentado na Constituição Federal de 1988, que garante a educação como direito de todos. Só que, infelizmente, a realidade brasileira é outra, onde muitas escolas e profissionais da educação ainda resistem a aceitar alunos com deficiências. Adotar essa inovação - que é também um direito incondicional e inalienável de todos os alunos, ao acesso e ao prosseguimento de escolaridade em turmas comuns - exige a ruptura com os modelos organizacionais conservadores de educação.

Um novo paradigma se faz necessário, não podemos aceitar o modelo autoritário e hierárquico de transferência do conhecimento e de gestão escolar. É preciso práticas emancipatórias, democráticas, autônomas e descentralizadoras, para que tenhamos uma educação mais humana.

Dentro da questão paradigmática, um tema importante e que gosto muito é o da complexidade, porque não há como enxergar a educação como algo simples, ela é dinâmica e complexa. As disciplinas não podem ser divididas, há toda uma conexão entre elas. Por isso a necessidade da interdisciplinaridade, e não do modelo fragmentado dos conteúdos. Um dos principais teóricos desta corrente, Edgar Morin, registra que:

A necessidade de pensar em conjunto na sua complementaridade, na sua coerência e no seu antagonismo, as noções de ordem, de desordem e de organização, obriga-nos a respeitar a complexidade física, biológica e humana. Pensar não é servir às idéias de ordem ou de desordem, é servir-se delas de forma organizadora, e por vezes desorganizadora, para conceber nossa realidade. [...] A palavra complexidade é palavra que nos empurra para que exploremos tudo, e o pensamento complexo é o pensamento que, armado dos princípios de ordem, leis, algoritmos, certezas e idéias claras, patrulha no nevoeiro o incerto, o confuso, o indizível (MORIN, 2000, pp. 180-181).

Neste contexto, gostaria de citar "Os sete saberes necessários para a educação do futuro", onde importante se mostra o reconhecimento das cegueiras do conhecimento, seus erros e suas ilusões; o assumir os princípios de um conhecimento pertinente à condição humana e a identidade planetária; a necessidade de reconhecer e enfrentar as incertezas; a compreensão do momento; e, o dar relevo à uma ética do gênero humano.

A consciência da complexidade da relação entre os saberes é essencial para uma educação emancipatória, além de um convite para a ação transformadora. Nesta perspectiva, vejo a figura do educador como um criador de acontecimentos, que pode muito bem abrir caminhos para uma sociedade mais justa e um ser humano pleno, mais solidário e, por isso, feliz.

A GESTÃO DEMOCRÁTICA NA ESCOLA PÚBLICA E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DE ALUNOS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo delinear o quadro da gestão democrática nas escolas e a participação dos pais de alunos nessa estrutura através da *revisão da literatura* e da pesquisa de campo.

A respeito da gestão participativa nas escolas, Valerien (2002) entende que "não se deve descuidar da participação ativa dos diferentes atores. Isto se refere a diretores, professores, pais de alunos, alunos e a comunidade que rodeia a escola" (p. 9).

Como assevera Luck (2009, p. 28), a democratização da educação e seus desdobramentos é uma orientação prevista e já promulgada na Lei n. 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

(...) A educação, no contexto escolar, se complexifica e exige organização da ação educacional e esforços cada vez mais redobrados e renovados, como um processo de vida e de trabalho, vinculados ao mundo real, para o que é fundamental a participação da comunidade tanto interna quanto externa do estabelecimento de ensino (LUCK, Idem, p. 33).

Nesta perspectiva, a área da *gestão educacional* é a responsável por estabelecer a mobilização dos recursos humanos, técnicos e materiais "que sustentam e dão dinâmica às atividades escolares, associando e articulando seus recursos com o fito de avançar a qualidade do ensino" (Luck, Idem. 38).

Para este avanço, Luck apregoa que é preciso o entendimento de que "a escola é uma organização social e que o processo educacional que promove é altamente dinâmico, (...) demandando decisões locais e imediatas ao seu processo" (Luck, Idem, p. 41-42).

Neste contexto, o trabalho objetiva dar visibilidade aos estudos relativos ao envolvimento e a participação dos pais de alunos nas possibilidades de uma gestão democrática, com o fito de potencializar sua participação nesse processo.

Importante frisar, a respeito deste trabalho, que o mesmo visa também colaborar na orientação educacional nas escolas, trazendo mais uma vez para a discussão o tema da gestão.

Acredita-se que a participação da comunidade escolar nos processos educacionais, particularmente das famílias, ajuda na identificação das vicissitudes existentes na escola pública, além de inserida no movimento de crítica e revisão das teorias pedagógicas conservadoras.

Esta revisão aponta, segundo Libâneo (2006), para a consideração de que não é possível considerar o indivíduo fora das circunstâncias históricas e do contexto em que ele vive.

Paro (1987) diz que, “Toda vez que se propõe uma gestão democrática da escola pública (...) que tenha uma efetiva participação de pais, educadores, alunos e funcionários, isso acaba sendo considerado como coisa utópica” (p. 51).

Entretanto, o mesmo Paro (Idem) chama a atenção para um significado do conceito de utopia. “A palavra utopia significa o lugar que não existe. Não quer dizer que não possa vir a existir”.

Deste modo, este trabalho dá as mãos com a utopia, trazendo à lembrança a pedagogia da esperança e do oprimido, na trilha de Paulo Freire: “(...) uma das tarefas do educador ‘progressista’ está em, através da análise política séria e correta, desvelar as possibilidades para esperança... sem esperança, nossa luta é suicida” (FREIRE, 1992, p. 11).

Assim, para alcançar os resultados pretendidos, a monografia foi dividida em três capítulos: no capítulo 1 (Fundamentação teórica), definiu-se a gestão democrática como um processo que cria condições para que os membros de uma coletividade não apenas tomem parte, de forma regular e contínua, de suas decisões mais importantes, mas assumam responsabilidade por sua implementação.

No capítulo 2 (Metodologia), a monografia, a partir de uma abordagem qualitativa, buscou revisar a literatura existente e realizar uma pesquisa de campo, de forma a

sintetizar os resultados obtidos da bibliografia e das observações e entrevistas realizadas.

No capítulo 3 (Análise dos resultados), registrou-se o consenso dos pais quanto às vantagens da relação entre a família e a escola para o sucesso da vida educacional de seus filhos, bem como sua preocupação em participar da escola, mesmo que ainda não compreendendo, em toda sua abrangência, o sentido e o alcance dessa participação.

Capítulo 1 – Fundamentação Teórica

1.1. A Participação na gestão democrática

A presente pesquisa fundamentou-se no conceito de gestão democrática, tendo como objeto de estudo a participação dos pais na vida escolar dos filhos. A escolha deste tema foi decorrente de um estágio desenvolvido pela pesquisadora na área de gestão educacional de uma escola pública de ensino fundamental de Goiânia.

Foi observado que a relação família - escola está em conflito, devido, entre outros fatores, pelas mudanças ocorridas contemporaneamente na sociedade, como consequência das transformações socioeconômicas e culturais ocorridas nas últimas décadas.

A partir das observações iniciais, buscou-se investigar a existência da participação dos pais na vida escolar dos filhos e de que forma ela é conduzida no interior da escola. Para tanto, foi buscado o amparo teórico sobre a realidade que envolve a gestão democrática e a participação, utilizando-se como referencial os autores Heloísa Luck e Vitor Henrique Paro, além da inserção dialogal com outros autores, que muito contribuíram para o enfoque da questão.

Constatou-se que:

(...) É pelo compromisso e em nome da construção de uma sociedade democrática e da promoção de maior envolvimento das pessoas nas organizações sociais em que atuam, com as quais se relacionam, e das quais dependem, que se favorece a realização de atividades que possibilitem e condicionem a participação (LUCK, 2011, p. 26).

Para Luck, a gestão democrática pode ser definida como um processo que cria condições “para que os membros de uma coletividade não apenas tomem parte, de forma regular e contínua, de suas decisões mais importantes, mas assumam responsabilidade por sua implementação” (Idem, p. 57).

Por sua vez, Paro (2007, p. 25) entende que “a verdadeira democracia” deve se caracterizar, “dentre outras coisas, pela participação ativa dos cidadãos na vida pública (...)”.

Para ele, a participação e a escola pública fazem parte de uma mesma sistemática de construção da consciência democrática dos cidadãos:

(...) é preciso que a educação se preocupe com dotá-los das capacidades culturais exigidas para exercer essas atribuições, justificando-se, portanto, a necessidade de a escola pública cuidar, de modo planejado e não apenas difuso, de uma autêntica formação do democrata (Idem).

A partir dos pressupostos teóricos anteriores, foi percebido que, para a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, é preciso que a escola seja gerida dentro de um espírito democrático e participativo em todos os seus níveis, de forma sistêmica e integrada, o que não vem acontecendo, pode-se arriscar a dizer, na grande maioria das escolas.

Assim, a partir do exame dos conceitos estabelecidos de democracia e participação, verifica-se que o processo democrático na escola tem como óbice o enraizamento da gestão institucional em um modelo autoritário e hierárquico de condução do processo educacional, que deixa muito a desejar no que diz respeito aos conceitos aqui abordados.

Nessa perspectiva, para que se trate da participação dos pais no ambiente escolar, é preciso antes verificar o estágio atual da democratização na gestão das escolas; é preciso jogar luz no processo educacional, sem os quais não há exercício efetivo da cidadania.

Logo, seja para promover a inserção dos pais na vida escolar dos filhos, seja para que essa participação esteja inserida na prática cotidiana, toda a comunidade educacional precisa estar envolvida na vida da escola.

Contudo, parte de Luck uma importante observação:

É importante destacar que a democratização efetiva da educação é promovida não apenas pela democratização da gestão da educação (...). O fundamento dessa democratização é o processo educacional e o ambiente escolar serem marcados pela mais alta qualidade, a fim de que todos os que buscam a educação desenvolvam os conhecimentos, as habilidades e as atitudes necessários para que possam participar, de modo efetivo e consciente, da construção do tecido da sociedade, com qualidade de vida e desenvolvendo as condições para o exercício da cidadania (LUCK, 2011, p. 26-27).

Gestão, democracia e participação da comunidade escolar formam uma tríade que, se não define o conceito de qualidade de ensino, nele incide decisivamente.

A esse respeito, afirma Paro:

Sabendo das gravidades dos problemas e contradições sociais (...), que só se fazem agravar com o decorrer do tempo, e considerando que uma sociedade democrática só se desenvolve e se fortalece politicamente de modo a solucionar seus problemas se contar com a ação consciente e conjunta de seus cidadãos, não deixa de ser paradoxal que a escola pública, lugar supostamente privilegiado do diálogo e do desenvolvimento crítico das consciências, ainda resista tão fortemente a propiciar (...) uma formação democrática que (...) capacite e encoraje seus alunos a exercer de maneira ativa sua cidadania na construção de uma sociedade melhor (PARO, 2007, p. 18-19).

Trata-se, em outras palavras, da necessidade de ter a educação para a democracia como componente fundamental da qualidade do ensino. (...) Não é possível conceber uma educação pública de qualidade sem levar em conta os fins sociais da escola, o que significa, em última análise, educar para a democracia (Idem, p. 24).

Paro defende que o ensino de qualidade deve formar para a cidadania. “Quanto àquilo que a escola pode oferecer, parece procedente exigir dela que suas práticas sejam orientadas para esse tipo de formação” (Idem, p. 26-27).

Entretanto, no processo educacional, as reclamações são constantes tanto da família em relação à escola - de que esta não oferece um ensino de qualidade -

quanto da escola em relação à família, de que esta não participa da vida escolar dos filhos e que delega toda responsabilidade para a escola.

Em face da alegação comum de que a família não participa da escola “simplesmente por não ter interesse em participar”, Paro (1997, p. 26) analisa:

Parece muito temerária esta afirmação quando se sabe do pouco estímulo que a escola oferece à participação e do escasso conhecimento que os integrantes da escola possuem sobre os reais interesses e aspirações da comunidade. Pesquisas que têm procurado, nos últimos anos, estudar mais detidamente o assunto tendem a desmentir que a comunidade não quer participar (...). Pesquisa de campo (Paro, 1995) indica que, a par de fatores estruturais ligados às próprias condições de trabalho e de vida da população, encontra-se também a resistência da instituição escolar a essa participação (Idem, p. 26-27).

A realidade da escola na atualidade é a de que ela ainda segue os modelos tradicionais de educação e de coordenação do processo escolar. Isto ocorre devido ao processo histórico autoritário, onde práticas democráticas não são vistas com bons olhos.

O entendimento de Luck (2011) é o de que,

Apesar da importância da participação em educação, observa-se, no entanto, que esse é um conceito que tem sido mal entendido e, sobretudo, banalizado nas escolas. Sob a designação de participação, muitas experiências são promovidas sem o devido entendimento e cuidado que a orientação da participação demandaria para justificar-se no contexto educacional (LUCK, 2011, p. 27).

Na mesma direção, Paro (1997, p. 27) avança para a possibilidade de superação dos condicionantes de autoritarismo na escola através do esforço da coletividade escolar, do necessário envolvimento de toda a comunidade educacional, no sentido “de conhecer a opinião dos atores, professores, alunos, pais, direção e demais funcionários, seus interesses e expectativas, (...) e sua disposição para aderir a novas propostas” (PARO, 2007, p. 27-28).

Nesse sentido, Luck (2011) chama a atenção para as experiências de participação que se realizam sem um “sentido político-democrático” ou um “sentido pedagógico de transformação”. Para ela, o conceito e a prática de participação “devem ser particularmente analisados quando se considera a questão da gestão educacional democrática” (Idem, p. 28).

1.2. Formas de participação em processos de gestão

Vimos que a gestão democrática na escola só será real e efetiva se puder contar com a participação da comunidade educacional, com a inserção dos seus atores no contexto escolar, no diálogo entre os pares, num processo de reflexão e ação, com o exercício cidadão dos direitos e deveres da vida em sociedade.

Luck (2011), advertindo sobre as diversas formas de participação, assegura que a participação tem tido seu exercício, na escola, em diferentes formas, “desde a participação como manifestação de vontades individualistas, algumas vezes camufladas, até a expressão efetiva de compromisso social” (p. 35).

Dessa forma, a participação só pode se traduzir no agir concreto e objetivo, voltada para a ação conjunta de perseguir esse objetivo.

Luck (Idem, p. 35-36) apresenta 5 formas possíveis e identificadas de participação nos processos de gestão. Ela observa que essas categorias “apresentam diferentes intensidades de envolvimento e compromisso, que vão do compromisso apenas formal e distanciado ao envolvimento pleno e engajado”. Destaco-as:

A) Participação como presença: a participação pode ocorrer por um sentido de obrigação, eventualmente ou, então, por necessidade. Esta forma de participação não ocorre por intenção e/ou vontade própria. Nessa perspectiva, as pessoas fazem parte, mas não na condição de participantes ativos.

B) Participação como expressão verbal: a participação como expressão verbal é a oportunidade das pessoas de expressarem suas opiniões. Entretanto, a expressão verbal por si só não é plena de significação participativa. Essa é uma forma incongruente com o conceito pleno de participação. Segundo Luck (Idem), não é incomum perceber escolas em que as decisões tomadas têm nas reuniões de pais e/ou de professores, na ‘concessão’ da palavra, “o objetivo de referendar decisões tomadas, constituindo-se, desse modo, em processo de falsa democracia e participação (...)” (p. 38).;

C) *Participação como representação*: essa concepção de participação acontece, na escola, quando há eleições para suas representações coletivas: conselhos escolares, associações de pais e professores e associações estudantis, que são constituídos por representantes escolhidos pelo voto. Embora essa forma de participação constitua-se em um princípio de gestão democrática (inciso II, do artigo 14, da Lei 9394/96 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional¹), ela pode, contudo, “ser expressa como um arremedo de participação e como uma falsa democracia” (Luck, *Idem*, p. 41).

D) *Participação como tomada de decisão*: essa prática de participação, na análise de Luck (*Idem*), tem tido uma prática mais vinculada à “preocupação com a solução de problemas definidos anteriormente pelo dirigente da escola” (p. 44). Dessa forma, essa participação sugere que “a tomada de decisão fica restrita a poucas pessoas e limitada apenas a questões operacionais, ao que fazer, e não ao significado das questões em si” (*Idem*, p. 45).

(...) a prática participativa na tomada de decisões em vários estabelecimentos de ensino tem gerado uma situação de falsa democracia, pela qual tudo se decide em reuniões (...), até sem considerar a relevância da questão para a realização do projeto pedagógico da escola (*Idem*).

E) *Participação como engajamento*: a forma engajada é a mais plena de participação. Segundo Luck (*Idem*), “participação como engajamento implica envolver-se dinamicamente nos processos sociais e assumir responsabilidade (...) visando promover os resultados propostos e desejados” (p. 47). Desse modo, a participação é considerada como ação comprometida.

Participação, em seu sentido pleno, corresponde (...) a uma atuação conjunta superadora das expressões de alienação e

¹ Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:
(...) II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

passividade, de um lado, e autoritarismo e centralização, de outro, intermediados por cobrança e controle. (Idem).

Assim, para que a gestão escolar seja democrática em sua verdadeira acepção, há que aprofundar as investigações a respeito de que como se dá o processo de uma efetiva participação da comunidade escolar. Ao trazer à luz as formas de participação possíveis e identificadas, está se possibilitando um maior aprendizado sobre o exercício efetivo da democracia. Com isso, os educadores, ao reconhecerem e se perceberem neste processo, podem pensar sobre sua própria prática a respeito no contexto escolar - e mesmo fora dele.

De acordo com Freire (1979), a condição para que alguém possa assumir um ato de comprometimento está radicada em sua capacidade de agir e refletir (p. 16). De maneira autônoma. Logo, a participação democrática na gestão escolar só pode se realizar concretamente na relação que envolve a reflexão e a ação dos sujeitos-atores no cotidiano da escola.

“É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis” (Idem, p. 17). Depreende-se que, a democracia só pode ser efetiva com atos e relações que se dão no nível da realidade concreta.

Dessa perspectiva, decorre a constatação do fato de que a gestão democrática nas escolas e a participação dos pais – e de toda a comunidade escolar – somente terão existência plena se ressignificada a *práxis* educativa atualmente vigente, o que pode se dar através de esforços individuais e coletivos que superem atitudes de acomodação, alienação e marginalidade nos processos democráticos.

Capítulo 2 – Metodologia

Para o alcance dos objetivos propostos, a monografia teve como base a revisão da literatura e a pesquisa de campo. Na pesquisa foram utilizadas as técnicas da observação participante e da entrevista semiestruturada com um único respondente por vez.

Para a verificação da relação entre a gestão democrática na escola e a participação dos pais na vida escolar dos filhos, a pesquisa optou por uma abordagem qualitativa, visando obter uma panorâmica mais holística, procurando ao mesmo tempo uma definição e uma revisão do problema.

Minayo (1994) entende que na abordagem qualitativa “a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis” (p.16-17).

Dessa forma, a primeira parte da pesquisa foi de natureza bibliográfica, de maneira a selecionar a fundamentação teórica e justificar, assim, a investigação, descrição e demonstração dos conhecimentos a que se chegou sobre as questões-chave, a saber, escola, qualidade de ensino, democracia, participação e cidadania.

Assim, a partir dos pressupostos teóricos de alguns autores estudiosos da temática, foram examinadas as questões sobre gestão democrática e participação dos pais na vida escolar dos filhos.

Sobre utilização da literatura teórica sobre o tema de estudo, Flick (2009) aconselha que o pesquisador “familiarize-se com a literatura disponível em sua área” (p. 62).

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador utiliza os *insights* e as informações provenientes da literatura enquanto conhecimento sobre o contexto, utilizando-se dele para verificar afirmações e observações a respeito de seu tema de pesquisa naqueles contextos (Flick, idem).

Para Minayo (1994), “podemos dizer que a pesquisa bibliográfica coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse” (p. 53). Santos, Molina, Dias (2007) afirmam que a pesquisa bibliográfica:

É um tipo de pesquisa obrigatória em todo e qualquer modelo de trabalho científico. É um estudo organizado sistematicamente com base nos materiais publicados. São exigidas a busca de informações bibliográficas e a seleção de documentos que se relacionam com os objetivos da pesquisa (p.127).

Vencida esta etapa, a segunda parte da pesquisa foi o trabalho de campo propriamente dito. Nesse contexto:

Minayo (1992) concebe o *campo de pesquisa* como o *recorte que o pesquisador faz em termos de espaço*, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação (Cruz Neto, 1994, p. 53).

Para a pesquisa de campo foram utilizados os instrumentos da observação na escola e da entrevista com os pais de alunos. Desse modo, foi realizada a observação de uma reunião de pais com a coordenação da escola, bem como foram feitas entrevistas em uma escola pública de ensino fundamental, com dois pais de alunos que consentiram com a mesma.

Por fim, foi feita uma síntese dos resultados com os recortes da bibliografia consultada sobre o tema em estudo, como forma de demonstração da literatura existente, de forma a contribuir com a problemática em questão.

2.1. Contexto da pesquisa

Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados diversos tipos de literatura, incluindo:

- a) literatura teórica e empírica sobre os temas da gestão democrática, qualidade do ensino e participação dos pais na vida escolar dos filhos;
- b) literatura metodológica sobre como realizar pesquisa qualitativa e sobre como utilizar os métodos escolhidos

As referências bibliográficas utilizadas são consideradas teoricamente relevantes, e foram selecionadas a partir dos pontos de vistas relacionados com a temática escolhida, buscando dotar o corpo da monografia com um foco mais homogêneo possível.

Para a pesquisa bibliográfica foram utilizados livros, artigos, teses, monografias e dissertações, localizadas em bibliotecas físicas e virtuais, da Universidade de Brasília e de sítios de pesquisa hospedados na internet.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola pública estadual que oferece o ensino fundamental de 1º ao 5º ano, situada em bairro central de classe média, e que atende alunos na faixa etária de 7 a 12 anos.

A escola tem prédio próprio, razoavelmente conservado, contendo salas de aulas, de informática, de direção e coordenação, biblioteca, secretária, cozinha e dependências de uso comum como pátio e uma acanhada quadra de esportes.

Foi informado que a quase totalidade dos alunos são oriundas de famílias de camadas populares da sociedade. Uma parcela dessas crianças tem necessidades especiais de aprendizagem.

2.2. Procedimentos da pesquisa de campo

2.2.1. Observação de reunião com pais de alunos

A reunião, marcada para iniciar às 13h e 30 minutos, durou pouco mais de 30 minutos, limitando-se a uma preleção da coordenadora escolar sobre o encerramento do semestre letivo (2012), com informações aos pais dos procedimentos para a matrícula dos seus filhos no semestre seguinte (2013).

Não houve questionamentos dos pais quanto às informações recebidas, bem como não foi observado nenhum incentivo da coordenação para que os pais se manifestassem. No final da reunião, foi circulada uma ficha de frequência para a assinatura dos pais.

Embora tenha sido anteriormente solicitada a intervenção da coordenação escolar pela pesquisadora, para o convite e a motivação aos pais para fazerem parte da entrevista sobre suas participações na vida escolar de seus filhos, a exortação à participação na entrevista não foi feita. A coordenadora alegou ter esquecido a solicitação, muito embora a presença da pesquisadora e de um auxiliar (para gravação em áudio das entrevistas) no recinto.

2.2.2. Entrevista com pais de alunos

Realização de entrevista semiestruturada com perguntas abertas e respostas informais com dois pais de alunos (quantitativo que aceitou ser entrevistado, em um universo de 22 pais). O roteiro da entrevista e a transcrição das respostas dos pais encontra-se no Apêndice I.

CAPÍTULO 3 – Análise dos Resultados

3.1. Participação e ausência de lógica democrática na gestão da escola

Houve um consenso dos pais entrevistados quanto às vantagens da relação entre a família e a escola para o sucesso da vida escolar de seus filhos. Os pais manifestaram preocupação em participar da escola, mesmo que ainda não compreendam o sentido e o alcance dessa participação, ou não se sintam capacitados a contento para tal empreitada.

Para Luck (2011, p. 30), “a participação em sentido pleno é caracterizada pela mobilização efetiva dos esforços individuais para a superação de atitudes de acomodação, de alienação, de marginalidade, e reversão desses aspectos (...)”.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa não registrou uma capacidade efetiva de maior entendimento e envolvimento da parte dos pais, de forma que esses contribuam para que o seu exercício participativo seja a expressão de seu papel de sujeitos na comunidade escolar.

A esse respeito, Libâneo (2004) afirma que:

A participação, em seu sentido pleno, caracteriza-se por uma força de atuação consciente pela qual os membros de uma unidade social reconhecem e assumem seu poder de exercer influência na determinação da dinâmica dessa unidade (...) e de seus resultados, poder esse resultante de sua competência e vontade de compreender, decidir e agir sobre questões que lhe são afetas, dando-lhe unidade, vigor e direcionamento firme (LIBÂNEO apud LUCK, 2011, p. 29).

Entretanto, a lógica escolar vigente não está preparada ou não tem ainda a gestão democrática e a participação de pais como efetividade nos objetivos pedagógicos no cotidiano da escola. De acordo com Paro (2007),

Os próprios mecanismos de ação coletiva, como o conselho da escola, a associação de pais e mestres e o grêmio estudantil, mostram-se incapazes, na maioria das vezes, de superar os obstáculos antepostos por uma estrutura avessa à participação (Idem, p. 30).

A partir desse “contexto escolar avesso à participação” referido anteriormente, a pesquisa foi a campo para entrevistar os pais. Como dito anteriormente, somente dois pais consentiram em ser entrevistados para a pesquisa, dentro de um universo de 22 pais.

Por exigência ética de sigilo, vamos aqui identificá-los como *Pai 1* e *Pai 2*.

O *Pai 1* é trabalhador autônomo do ramo de coleta de resíduos recicláveis, tem 40 anos, e em sua vida escolar teve interrompidos os estudos no 6º ano (antiga 7ª série) do ensino fundamental. O *Pai 2* é guarda noturno, 52 anos, e interrompeu seus estudos no 3º ano (antiga 4ª série) do ensino fundamental.

A entrevista buscou dos entrevistados o entendimento dos mesmos sobre a participação dos pais na vida escolar e na aprendizagem de seus filhos, tanto na escola quanto em casa.

A esse respeito, Paro (1987) frisa que:

É aqui que entra a questão da participação da população na escola, pois dificilmente será conseguida alguma mudança se não se partir de uma postura positiva da instituição com relação aos usuários, em especial com os pais e responsáveis pelos estudantes, oferecendo ocasiões de diálogo, de convivência verdadeiramente humana, em suma, de participação na vida da escola. Levar o aluno a querer aprender implica um acordo tanto com educandos, fazendo-os sujeitos, quanto com seus pais, trazendo-os para o convívio da escola, mostrando-lhes quão importante é sua participação na construção de uma escola pública de acordo com seus interesses de cidadãos (Idem, p. 308).

Observa-se, desse modo, que a importância dos pais não se restringe somente em sua participação na vida escolar do filho – o que, no entanto, já seria um início nesse

sentido -, mas, também, incide na valorização de sua participação da parte da escola, em sua lógica participativa e não somente no comparecimento em reuniões.

A propósito, em respeito a essa participação quase que circunscrita somente às reuniões, os pais assim se expressaram:

(...) o que acontece... nas reuniões eu quase não frequento... não é que eu não quero ir, é que eu quase não tenho tempo... aí eu mando a minha esposa ir e ela fala: ó, eu também não tenho tempo... então, o que tá acontecendo... tem que ter uma participação, de mim e da minha esposa... é isso que tá acontecendo... que a gente não frequenta muito essas reuniões escolares (Pai 1).

(...) quando a escola me chama pra reunião, eu venho na reunião... né... eu participo das reuniões... eu procuro ouvir o que a professora fala, né... (Pai 2).

3.2. Reunião como estratégia participativa da escola

As reuniões costumam ser vistas pela escola como uma estratégia privilegiada para promover a participação dos pais na escola. Entretanto, estudos apontam que as reuniões falham tanto como estratégia quanto como espaço para promover a participação e a “democratização” pretendida.

Contudo, o entendimento generalizado pelos estudiosos do assunto é o de que as reuniões “são normalmente um desperdício de tempo, improdutivas e ineficazes” (Barroso, 1995, p. 23). Segundo Garcia (apud Fevorini, 2009), acerca do assunto:

Reunião de pais, que espaço é esse? (...) São espaços em que a escola muitas vezes ensurdece, sobrecarregada pelas pressões e frustrações que envolvem diariamente a equipe escolar. São espaços em que, por ficar no campo do conhecido daquele que fala, a escuta do outro (família), morada do desconhecido, fica ausente (Garcia, 1985, p. 185).

Barroso sugere que as razões para as reuniões estarem assim desprestigiadas resultam de dois fatores distintos:

- Nuns casos, apesar de as reuniões poderem ser vistas como uma estrutura de participação, elas realizam-se, em muitas escolas, por mero formalismo legal e desinseridas de uma cultura e de uma prática de gestão participativa. Neste caso, as reuniões são meros “ajuntamentos” e só servem para transmitir ordens ou avisos (...).

- Noutros casos, os responsáveis pela gestão da escola, ainda que animados das melhores intenções, entendem que a participação se esgota nas reuniões e que, quantas mais reuniões houver, mais “democrática” é a gestão. Por isso, nestes casos, as reuniões sucedem-se repetida e frequentemente (...), sem que ninguém perceba muito bem para quê e sem que se vejam resultados palpáveis do tempo e do esforço consumidos.

Ora, sendo as reuniões, na maior parte dos casos, a única parte visível da “democracia” nas nossas escolas, por aqui se pode ver o estado em que ela se encontra (BARROSO, 1995, p. 23).

Favorini (2009) chama a atenção para outras modalidades de “comunicação de mão única” utilizadas pela escola na sua relação com os pais de alunos: “a escola manda circulares e informativos, mas não responde aos bilhetes e/ou e-mails dos pais” (p. 106).

Essa autora observou que, em geral, “a escola corre para informar sobre problemas de aproveitamento e comportamento, mas nunca para dar boas notícias” (Idem).

eu é quem vou levar meu filho à escola... eu busco... o que acontece... às vezes a professora chega... ó, o seu filho fez isso... fez aquilo... mas, é coisa de criança, né... (Pai 1).

Marques (apud Favorini, 2002, p. 5), em pesquisa realizada por ele, afirma que “notou-se o uso persistente e continuado, em todas as escolas, de formas de comunicação negativas”.

A esse respeito, se pode confirmar as informações da literatura acima utilizadas, em relação as declarações do Pai 1 e do Pai 2. Esses confirmam a intensa utilização dos “bilhetes” da escola para os pais, e um deles se mostrou ressentido com o fato da interação ficar restrita a esse expediente:

Olha, a escola sempre manda mensagem prá gente, né... manda aviso, ela sempre manda... mas... o que acontece... tem coisas que passa batido... as professoras não comunica... a diretora não comunica... entendeu?... Ela tem que comunicar mais, ligar pra gente, mandar mais aviso, bilhete... é o que está faltando... chegar e comunicar a gente o que está acontecendo com a criança... é um dever deles e da gente saber cumé que está nosso filho na escola... cumé que anda ele... (Pai 1).

eu procuro ver o que tá escrito nos bilhetinhos que a professora manda... é isso... (Pai 2).

Marques (Idem) entende que esse fato aponta para a necessidade da escola criar expedientes mais eficientes na forma de se comunicar com as famílias, de maneira a considerar que “a comunicação é um processo dialógico”. Paulo Freire (1979) diz que “somente o diálogo comunica” (p. 68).

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. (...) Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica.

É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico (...). O antidiálogo, que implica em uma relação de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso. É arrogante; auto-suficiente (...). Por tudo isso o antidiálogo não comunica. Faz comunicados (FREIRE, Idem, p. 68-69).

Outra questão de não menos importância diz respeito à estratégia “moralizante” da escola, quanto a essa buscar uma maior relação dos pais com o filho.

Pesquisas realizadas para analisar a presença das famílias populares no sucesso escolar dos filhos constataram, nas relações das famílias populares com a escola, que essas não são omissas e indiferentes com relação à vida escolar dos filhos, “a despeito da disseminada postura, sobretudo entre professores, de considerá-las (...) apáticas, desmobilizadas. Ou seja, esses estudos negam uma renúncia *a priori* dessas famílias, um desinteresse pela escola como atitude típica” (Vianna, 2005, p. 112).

Lahire (1997) defende, a esse respeito, que a omissão escolar dos pais das camadas populares é um mito produzido pelos professores, especialmente quando aqueles são *ausentes do espaço escolar*. O termo “omissão”, segundo Lahire, é carregado de significado moralizador, que “remete a um voluntário, a uma escolha deliberada”, o que não corresponde, segundo ele, ao que aprendeu em sua investigação (...). Os pais não se mostraram ausentes desse processo, mesmo naqueles casos em que as dissonâncias entre o universo familiar e o escolar são significativas (VIANNA, Idem).

As falas do Pai 1 e do Pai 2 confirmam as análises acima mencionadas:

Meu filho tem oito anos e até agora ele não está sabendo de muita coisa... parece que não entra... ele não sabe ler corretamente ainda... então, há uma dificuldade... eu não sei se é da parte dos professores ou se é da parte do meu filho, porque, antigamente, eu

acho que a gente aprendia mais rápido... então, tem que ter, né, alguém ali pra incentivar a criança a aprender...

Sobre a relação dos pais com a escola, é uma coisa que a gente tem que... é... participar mais, né... o pai ou a mãe, né... são responsáveis pela criança, é onde a criança vai aprender, né... desenvolver o seu conhecimento... o que eu posso falar?... a criança... antigamente... aprendia mais rápido, hoje não... hoje há um pequeno problema... eu não sei se é esse negócio de internet que tá influenciando os jovens... eu não sei o que é... eu sei é que realmente tem que ter uma participação dos pais, sim... de todo mundo... (Pai 1).

Eu participo assim... no dia a dia, né... eu preparo ele e trago pra escola... como se diz... eu converso com ele, pergunto como foi o dia dele na escola... mas tem muita coisa que ele não sabe... eu falo pra ele que tem que fazer as atividades direitinho.. eu procuro fazer o máximo pra ajudar ele na escola, no dia a dia... mas é uma luta, sabe... (Pai 2).

Outra questão relevante é a que se refere ao efeito moralizador que parte dos pais sobre a relação dos filhos com a escola. Vianna (Idem) analisou estudos de Laacher (1990) e Lahire (1997), que se constituem referências importantes para essa discussão.

Estudando esses autores, Vianna se deparou com a hipótese de que essas famílias “são dotadas de uma moral educativa, (...) mas também e, talvez, sobretudo, pela perseverança” (Lahire apud Vianna, Idem).

Essa moral educativa encontra seus lastros principalmente na “obsessão ética de produzir filhos ‘honestos’, muito mais que alunos brilhantes”. Mais uma vez, a literatura encontra confirmação na fala de um dos pais entrevistados. Vejamos:

O meu entendimento é o seguinte: a gente... como pai ou mãe, a gente tem que ensinar a criança... orientando, explicando a realidade... como que é a escola, como que é a aprendizagem... eu penso assim... a criança tem que ter uma parceria com o pai e com a mãe. A gente jamais pode deixar nossos filhos, digamos assim, no caminho errado... sempre tem que ensinar para o bem, que a escola é o caminho onde a criança vai desenvolver... (Pai 1).

Diante desse quadro, há que considerar o alerta de Luck:

Alerta-se, portanto, para o fato de que inúmeras experiências de participação são realizadas sem que tenham um verdadeiro sentido político-democrático ou sentido pedagógico de transformação, como deveria ser o caso. É por esse motivo que o conceito e a prática concretos de participação devem ser particularmente analisados quando se considera a questão da gestão educacional democrática (2011, p. 28).

3.3. Considerações sobre a pesquisa de campo

Para concluir, ressaltar reflexões desenvolvidas a partir da pesquisa de campo.

No que diz respeito à pesquisa de campo e o seu amparo na *revisão de literatura*, apresentam-se análises que, apoiadas em dados empíricos, contrariam a tese de que as famílias, especialmente aquelas de substratos populares, são omissas e indiferentes com relação à vida escolar dos filhos

A esse respeito, a pesquisa possibilitou uma análise da forma atual de (não) participação dos pais na gestão democrática da escola, constatando-se que há um enorme caminho a ser percorrido na escola para que haja uma efetiva gestão participativa. Contudo, não se pode ignorar o fato do interesse incontestado da família em relação à vida escolar dos seus filhos.

Enfatiza-se, assim, que há necessidade de um empenho bem maior do que o que se verifica atualmente para que haja uma gestão efetivamente democrática, que enseje as condições de participação de pais e alunos, e que cultive a cultura do diálogo e da plenitude da cidadania – particularmente do seu exercício pelas camadas populares da sociedade.

Assim, este trabalho tenta oferecer argumentos de alguns autores em torno de *hipóteses explicativas* para o fenômeno da pouca participação dos pais na vida educacional de seus filhos. Defende-se que é de suma importância o empenho de esforços que levem cultivo das habilidades necessárias a todos os participantes da comunidade escolar.

Somente com ações comprometidas e conscientes a comunidade escolar pode levar a efeito a efetivação da dinâmica que visa uma melhor qualidade de ensino e reciprocidade de direitos entre todos, onde a participação e a gestão verdadeiramente democrática é um pressuposto *a priori* para o alcance destes objetivos.

Capítulo 4 - Considerações Finais

4.1. Estrutura da Monografia

A monografia teve como base a revisão da literatura e a pesquisa de campo. A pesquisa optou por uma abordagem qualitativa, visando a definição e revisão do problema. A primeira parte da pesquisa foi de natureza bibliográfica, de forma a contribuir para a explicação do problema a partir das perspectivas teóricas utilizadas. Na segunda parte, no trabalho de campo, foram utilizadas as técnicas da observação e da entrevista semiestruturada com os pais de alunos de uma escola pública de ensino fundamental. Por fim, foi feita um texto com a síntese dos resultados obtidos da bibliografia consultada e das observações e entrevistas realizadas.

4.2. Fundamentação, Pressupostos e Resultados

A presente pesquisa fundamentou-se no conceito de gestão democrática, tendo como objeto de estudo a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Para tanto, buscou-se investigar de que forma ela é conduzida no interior da escola.

Com base na teoria disponível, trabalhou-se com o pressuposto de que a gestão democrática é definida como um processo que cria condições para que os membros de uma coletividade não apenas tomem parte, de forma regular e contínua, de suas decisões mais importantes, mas assumam responsabilidade por sua implementação.

Foi percebido que, para a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, é preciso que a escola seja gerida dentro de um espírito democrático e participativo em todos os seus níveis, de forma sistêmica e integrada. Nessa perspectiva, verificou-se, pela revisão da literatura e pesquisa de campo, o estágio atual da democratização na gestão das escolas públicas.

Constatou-se nas escolas públicas que as reclamações são constantes, tanto da família em relação à escola quanto da escola em relação à família.

Evidenciou-se que a realidade da escola na atualidade é a de que ela ainda segue os modelos tradicionais de educação e de coordenação de um processo escolar historicamente autoritário, onde práticas democráticas não são vistas com bons olhos.

Entretanto, deparou-se também com pressupostos que apontam para a possibilidade de superação dessa realidade com o envolvimento de toda a comunidade educacional.

Nesse contexto, verificou-se que a participação democrática na gestão escolar só pode se realizar concretamente na relação que envolve a reflexão e a ação de todos os sujeitos-atores no cotidiano da escola.

4.3. Participação dos Pais

As pesquisas apontaram para o consenso dos pais entrevistados quanto às vantagens da relação entre a família e a escola para o sucesso da vida educacional de seus filhos.

Os pais manifestaram preocupação em participar da escola, mesmo que ainda não compreendam o sentido e o alcance dessa participação, ou não se sintam capacitados a contento para tal empreitada.

Contudo, a pesquisa não registrou uma capacidade efetiva de maior entendimento e envolvimento da parte dos pais, de forma que esses contribuam para que o seu exercício participativo seja a expressão de seu papel de sujeitos na comunidade escolar.

Utilizou-se o expediente da 'reunião' como uma das referências para a revisão teórica e a observação do estado de participação democrática da gestão escolar e dos pais de alunos.

Os estudos apontam que as reuniões falham tanto como estratégia quanto como espaço para promover a participação e a "democratização" pretendida. Apesar das reuniões serem vistas como uma estrutura de participação, elas realizam-se, em

muitas escolas, por mero formalismo legal e desinseridas de uma cultura e prática de gestão participativa.

Confirmou-se também, pela pesquisa, os resultados da literatura disponível sobre o uso persistente e continuado de formas de comunicação negativas da escola para os pais de alunos, o que inibe e afasta essa participação desejada e necessária.

Ressaltou-se, também, a constatação, nas relações das famílias populares com a escola, que essas não são omissas e indiferentes com relação à vida escolar dos filhos. Os estudos negaram uma renúncia *a priori* dessas famílias, um desinteresse pela escola, como atitude típica.

Deparou-se, além disso, com uma questão relevante, que se refere ao efeito moralizador que parte dos pais sobre a relação dos filhos com a escola: a hipótese de que as famílias são dotadas de uma moral educativa de produzir filhos 'honestos', muito mais que alunos brilhantes.

A pesquisa possibilitou uma análise da forma atual de participação dos pais na gestão democrática da escola, constatando-se que há ainda um enorme caminho a ser percorrido na escola para que haja uma efetiva gestão participativa.

Neste sentido, como contribuição para o estudo da questão, o trabalho ofereceu argumentos de alguns autores em torno de algumas hipóteses explicativas para o fenômeno da pouca participação dos pais na vida escolar de seus filhos.

4.4. Sugestões para a Melhoria da Educação: Rumo a uma Gestão Humana, Democrática e Participativa

De acordo com o embasamento teórico utilizado na pesquisa, se pode apontar com propriedade que a mais abrangente transformação para a democracia escolar diz respeito a uma radical mudança na forma de organização do poder e da autoridade na gestão da escola pública.

Formas alternativas de gestão colegiada são mais compatíveis com os objetivos democráticos da educação do que o modelo hierarquizado e unipessoal da atual direção das escolas. Este é um dos principais resultados que os estudos apontaram.

Ressalta-se, contudo, que, para a pretendida gestão democrática nas escolas, além dos condicionantes administrativos e estruturais que envolvem essas instituições, é de suma importância a conjugação de esforços que levem ao cultivo de uma cultura democrático-participativa.

É extremamente necessário que o sistema de ensino busque o empoderamento de todos os sujeitos-atores da comunidade escolar para a gestão democrática nos estabelecimentos escolares. É preciso dotar todos os seus participantes, a exemplo dos pais de alunos, das habilidades necessárias para participarem dos processos inerentes à vida educacional.

Para alcançar esses imprescindíveis objetivos, é imperioso que se construam políticas públicas educacionais realmente comprometidas com objetivos democráticos que se pretendem para a gestão das escolas públicas, com a edição de projetos e medidas que adotem formas explícitas e planejadas para a gestão democrática.

Ainda, diante da urgência de adequar a estrutura didática da escola a uma gestão democrática, não se pode deixar de considerar medidas que visem também à formação do professor para essa nova estrutura, que representa um novo modelo de educação.

Assim, concluindo, é importante destacar que os esforços para a prática de uma gestão efetivamente participativa estão associados a uma mudança do paradigma educacional.

Esse novo paradigma adota uma visão de mundo e de realidade em base global, que procura dar vazão à multidimensionalidade do homem e da educação, ao invés de dar continuidade a uma educação conservadora, tradicional, fragmentada e alienada, negadora da libertação, integridade, autonomia e emancipação da humanidade.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Plano de atuação profissional

Valendo-me da graduação no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, pela Universidade Aberta do Brasil, visualizo todo um caminho futuro aberto em minha vida.

A licenciatura cursada possibilitou-me um conhecimento sólido e abrangente nas disciplinas contempladas no projeto acadêmico do curso de Pedagogia. Embora, é necessário dizer, estou consciente de que a formação atual e os estudos são, na realidade, partes de um processo ao longo da vida de qualquer pessoa que se dedique às atividades acadêmicas.

1. Perspectivas

Entendo que, numa perspectiva futura na área profissional de Pedagogia, a atuação na área da gestão educacional, particularmente na supervisão pedagógica, é a que mais me interessou, pelo conjunto de possibilidades que a mesma oferece ao profissional da educação.

Pela experiência proporcionada pelo estágio nesta área, que por mim foi exercido a partir do embasamento teórico com uma abordagem transformadora, entendo que estou munida de valores que favorecerão uma proposta voltada à uma gestão democrática, participativa e emancipadora.

Nessa perspectiva, quero contribuir para a difusão e a mediação do conhecimento de modo significativo, em prol da melhoria da qualidade do ensino e das condições de vida dos indivíduos e da sociedade.

Nesse sentido, compreendo que a ação pedagógica propicia a produção e mediação de conhecimentos significativos, mirando-me nos enfoques da criticidade e da abordagem da complexidade, buscando ainda a transdisciplinaridade e o esforço de ir ao encontro dos saberes científicos e populares.

Espero que essa esperança possa ser traduzida na realidade com a qual vou deparar no meu cotidiano, esforçando-me para dar minha contribuição rumo à aprendizagem significativa, crítica, transformadora e totalizante.

Considero, assim, que o conjunto de competências e habilidades aprendidas nestes longos dez semestres até o momento, enseje-me ver e contribuir para o despertar dos indivíduos em suas inteligências múltiplas, colaborando para acordar em si próprios o papel de sujeitos da sua própria história.

Como dito anteriormente, a descoberta de minha afeição pela área da supervisão pedagógica surgiu devido ao estágio de gestão educacional por mim realizado em uma escola pública de ensino fundamental, quando cursei a disciplina do Projeto 4 Fase 1 - Gestão Educacional.

Segundo Alarcão, Tavares (apud Vieira, 2009), “a supervisão é, fundamentalmente, interagir, informar, questionar, sugerir, encorajar, avaliar”. São grandes desafios, é claro. Mas, pretendo vivenciá-los, e, vivenciando-os, compartilhar o que aprendi com coordenadores, professores, tutores e colegas comprometidos com a educação e com a sociedade.

Contudo, o desafio desta visão é mediar o conhecimento para a aprendizagem dos alunos; é procurar a superação do saber fragmentado e tradicional da realidade da gestão educacional que é vivenciada no interior das escolas públicas brasileiras.

O desafio é também o de superar as condições retrógradas impostas por uma concepção conservadora e elitista que ainda domina os círculos da educação no Brasil.

Dessa maneira, a abordagem progressista de Freire (1992) coaduna com a visão que pretendo seguir, que visa a transformação social, a busca da formação integral do homem concreto, transformador da sua realidade.

Educar na lógica de um sistema opressor e desumano, que mantém e preserva a desigualdade social, a exclusão e o individualismo, é um grande desafio, por certo.

Presencia-se nas escolas, até hoje, a “educação bancária” criticada por Freire (1979), na qual a educação é somente o ato de depositar, de transferir valores e conhecimentos. Ou seja, o oposto do que aprendemos e criticamos ao longo do curso.

Nesse contexto, numa proposta de perspectiva futura, pretendo fazer parte da criação de projetos de intervenção educativa que favoreçam o desenvolvimento humano solidário, cooperativo e autônomo, e que busquem a convivência harmoniosa de todos, em todas as dimensões que compõem o ser humano integral visualizado pelos nossos mais comprometidos mestres educadores.

2. Conclusão

Para Vieira (2009), o que move a ação pedagógica é a esperança que traz a certeza de que toda ação transformadora não deve ter um fim, mas, que se deve a todo o momento atentar para a sua construção - reconstrução.

Pretendo, assim, trabalhar na área de supervisão pedagógica no sentido de ajudar a promover para a coletividade escolar uma forma dinâmica de compartilhar a aprendizagem de significados, de buscar na ação-reflexão a forma crítica, reflexiva e valorativa que atua na emancipação dos sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva de uma ação pedagógica construtiva e libertadora, quero ofertar minha colaboração para renovar a cultura organizacional da escola, na proposição de que essa seja baseada nos princípios humanistas universais, consciente da historicidade cultural, da pluralidade democrática.

Assim, entendo que a minha participação na comunidade escolar, a partir de minha formação pedagógica recebida, possibilite uma abertura rumo às mudanças em proveito da construção de uma sociedade livre e libertadora, multicultural e humanitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Hugo. *Metáforas novas para reencantar a educação: epistemologia e didática*. Piracicaba, SP: Editora Unimep, 1996.

BARROSO, João, (1995). *Para o desenvolvimento de uma cultura de participação na escola*, Cadernos de Organização e Gestão Escolar. Lisboa: IIE/ME.

CRUZ NETO, Otávio. *O trabalho de campo como descoberta e criação*. In: DESLANDES, Suely Ferreira et al. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FEVORINI, Luciana Bittencourt. Tese. *O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: Um estudo exploratório*. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2009.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martins. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

----- . *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

----- . *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 21 ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LUCK, Heloísa. *A gestão participativa na escola*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

----- . *Concepções e processos democráticos de gestão educacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a.

----- . *Dimensões da gestão escolar e suas competências*. Curitiba: Editora Positivo, 2009b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000.

PARO, Vitor Henrique. *A utopia da gestão escolar democrática*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo (60): p. 51-53, fev. 1987.

----- . *Gestão da escola pública: A participação da comunidade*. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 73, n. 174, p. 255-290, maio/ago. 1992.

----- . *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 1997.

----- . *Por dentro da escola pública*. 3 ed. São Paulo: Xamã, 2000.

RIBEIRO, Daniela Figueiredo. *A assimetria na relação entre família e escola pública*. Paidéia, 2006, v. 16, n. 35, p. 383-394.

SANTOS, Mugnol; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. *Orientações e dicas para trabalhos acadêmicos*. Curitiba: Editora IBPEX, 2008.

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1984.

VALERIEN, Jean. *Gestão da escola fundamental: Subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento*. Versão brasileira adaptada por José Augusto Dias. São Paulo: Cortez / UNESCO / MEC, 2002.

VIANNA, Maria José Braga. *As práticas socializadoras familiares como lócus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares*. Campinas, SP, Revista Educação & Sociedade, vol. 26, n. 90, p. 107-125, jan./abr. 2005.

VIEIRA, Flávia. *Para uma visão transformadora da supervisão pedagógica*. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 106, Abr. 2009.

APÊNDICE A

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DOS PAIS

Pai 1

Pergunta: O que o senhor entende por participação dos pais na vida escolar dos filhos?

Resposta: O meu entendimento é o seguinte: a gente... como pai ou mãe, a gente tem que ensinar a criança... orientando, explicando a realidade... como que é a escola, como que é a aprendizagem... eu penso assim... a criança tem que ter uma parceria com o pai e com a mãe. A gente jamais pode deixar nossos filhos, digamos assim, no caminho errado... sempre tem que ensinar para o bem, que a escola é o caminho onde a criança vai desenvolver e aprender uma profissão.

Pergunta: Como o senhor acha que a escola deve fazer para a criança se desenvolver e participar dentro dela?

Resposta: É o seguinte... a escola deve participar mais com os pais... com as crianças também, com os alunos, né... os educadores, todo mundo, em parceria... porque isso daí a gente precisa demais... é onde está o desenvolvimento da escola, dos pais e das crianças... dos alunos... eu penso assim.

Pergunta: O senhor acha que o seu filho está participando e se desenvolvendo na escola?

Resposta: Meu filho tem oito anos e até agora ele não está sabendo de muita coisa... parece que não entra... ele não sabe ler corretamente ainda... então, há uma dificuldade... eu não sei se é da parte dos professores ou se é da parte do meu filho, porque, antigamente, eu acho que a gente aprendia mais rápido... então, tem que ter, né, alguém ali pra incentivar a criança a aprender...

Pergunta: Em casa, o senhor incentiva seu filho nas tarefas escolares?

Resposta: Não, em casa a criança quer brincar, assistir televisão, quer jogar... eu digo: Wallace, meu filho, vai pegar seus cadernos, o livro pra ler... ele fala: não, pai, agora não, depois eu leio... é muito difícil ele estudar em casa, é mais na escola... eu não vou dizer que não é, tá... mas eu ajudo um pouco, sim... há uma dificuldade nele, né... muitas coisas ele não sabe... ele fala: painho, você pode me ajudar nisso?... eu digo: eu ensino, meu filho... painho, como é que eu faço, assim? Como é que eu respondo essas questões? Painho, e essas adições, multiplicações? Eu digo: não, meu filho, a gente vai dar um jeito... só que tem muitas coisas que também eu não entendo... porque quando eu parei de estudar, eu parei na 7ª série... aí, quando o tempo vai passando, vai apagando da memória... algumas coisas, nem tudo. Então, sempre ajudo meu filho nos deveres, em alguma coisa... trabalho escolar... só que as vezes falta, né, o material pra fazer o trabalho... mas eu sempre to do lado dele, numa tarefa, numa reunião... é assim, desse jeito, sabe...

Pergunta: Na relação da escola com os pais, o senhor tem um pensamento sobre isso?

Resposta: Isso é realmente uma coisa importante, né... sobre a relação dos pais com a escola, é uma coisa que a gente tem que... é... participar mais, né... o pai ou a mãe, né... são responsáveis pela criança, é onde a criança vai aprender, né... desenvolver o seu conhecimento... o que eu posso falar?... a criança... antigamente... aprendia mais rápido, hoje não... hoje há um pequeno problema... eu não sei se é esse negócio de internet que tá influenciando os jovens... eu não sei o que é... eu sei é que realmente tem que ter uma participação dos pais, sim... de todo mundo...

Pergunta: Como é a participação do senhor como pai na escola do seu filho?

Resposta: É assim... é... eu é quem vou levar meu filho à escola... eu busco... o que acontece... às vezes a professora chega... ó, o seu filho fez isso... é coisa de

criança... ó, amanhã vai ter reunião... o que acontece... nas reuniões eu quase não frequento... não é que eu não quero ir, é que eu quase não tenho tempo... aí eu mando a minha esposa ir e ela fala: ó, eu também não tenho tempo... então, o que que tá acontecendo... tem que ter uma participação, de mim e da minha esposa... é isso que tá acontecendo... que a gente não frequenta muito essas reuniões escolares. É o tempo... eles tinham que marcar um tempo certo, um horário certo pra gente ir... naquele momento certo... porque às vezes não bate o horário deles com o da gente... tá entendendo, irmã?... a gente é pessoa ocupada, trabalha... o tempo é pouco, tá...

Pergunta: O que a escola do seu filho tem feito para estimular a participação dos pais?

Resposta: Olha, a escola sempre manda mensagem prá gente, né... manda aviso, ela sempre manda... mas... o que acontece... tem coisas que passa batido... as professoras não comunica... a diretora não comunica... entendeu?... Ela tem que comunicar mais, ligar pra gente, mandar mais aviso, bilhete... é o que está faltando... chegar e comunicar a gente o que está acontecendo com a criança... é um dever deles e da gente saber cumé que está nosso filho na escola... cumé que anda ele...

Pergunta: O que o senhor entende que a escola deve fazer para melhorar a condição de participação dos pais e dos filhos na escola?

Resposta: O que falta é campanha... e projetos, né... tipo PET... e outras atividades... para desenvolver mais a mentalidade da criança... porque a criança chega em casa e já chega assim... é... um pouco transtornada... não é da escola, é dos barui dos carro... então, falta assim é eles criar mais... assim... um projeto dentro da escola mesmo... que incentive a criança a praticar esporte, computação... e outras coisas também... lá dentro da escola. Quem pode praticar isso é o diretor, junto com os professores... é uma coisa que realmente as crianças tão precisando... mais projetos dentro da escola... é isso.

FINAL

Pai 2

Pergunta: O que o senhor entende por participação dos pais na vida escolar dos filhos?

Resposta: Como se diz... eu venho trazer e buscar o meu filho na escola, né... (silêncio prolongado).

Pergunta: De que forma o senhor participa da vida do seu filho na escola?

Resposta: Eu participo assim... no dia a dia, né... eu preparo ele e trago pra escola... como se diz... eu converso com ele, pergunto como foi o dia dele na escola... mas tem muita coisa que ele não sabe... eu falo pra ele que tem que fazer as atividades direitinho.. eu procuro fazer o máximo pra ajudar ele na escola, no dia a dia... mas é uma luta, sabe... (silêncio).

Pergunta: Em casa, o senhor participa das atividades escolares do seu filho?

Resposta: Eu participo, ajudando ele a fazer as tarefas, lendo com ele, ajudando nas tarefas de artes... e escrever, né... como se diz... várias coisas... (silêncio).

Pergunta: Quais as dificuldades que o senhor e seu filho têm para participar mais da escola?

Resposta: Bom... é... algumas, né... vamos supor... assim... a dificuldade maior é não saber ler e escrever, né...

Pergunta: A escola estimula a sua participação?

Resposta: Vamos supor... quando a escola me chama pra reunião, eu venho na reunião... né... eu participo das reuniões... eu procuro ouvir o que a professora fala, né... eu procuro ver o que tá escrito nos bilhetinhos que a professora manda... é isso... (silêncio e se despede).

FINAL.